

research +

Abril 2024

ambipar[®]
esg



Sumário

Sustentabilidade e ESG	03
Riscos	12
Fontes de Informação e Referências desta Edição	18





Mudanças climáticas: Embora Europa aqueça mais, outros continentes sofrerão mais com “bulbo úmido”

Mundialmente, o setor de energia é o que mais emite CO₂ e, portanto, a mudança da matriz energética é essencial para combater as mudanças climáticas. Ao contrário do que predomina nos países desenvolvidos, no Brasil, as mudanças de uso da terra correspondem por parte significativa das emissões de CO₂. Segundo o *Global Forest Watch* (GFM), o Brasil diminuiu em 36% a sua “perda de floresta primária” em 2023; ainda assim, está entre os países que mais desmatam, junto com República Democrática do Congo, Bolívia, Indonésia, Peru, Laos, Camarões, Madagascar, Malásia e Colômbia.

Embora as comunidades e países em desenvolvimento sofram mais com os eventos climáticos extremos, segundo dados recentes da Copernicus, a Europa é o continente que mais aquece, com o dobro da velocidade da média global. Em um horizonte de 30 a 50 anos, algumas regiões poderão ter condições meteorológicas que inviabilizarão a vida humana. Esta condição é avaliada através do indicador de “bulbo úmido”, sendo 35 graus o limite máximo de temperatura de “bulbo úmido” que possibilita a sobrevivência.

Um estudo da NASA de 2022 avalia, por meio de modelagem de cenários, que as regiões mais vulneráveis a essa condição de inabitabilidade serão: sul da Ásia, Golfo Pérsico e Mar Vermelho até 2050; e, até 2070, leste da China, partes do sudeste da Ásia e Brasil. Nota-se, portanto, que a despeito da maior velocidade de aquecimento na Europa, serão os países de outros continentes que terão as maiores temperaturas de “bulbo úmido”. Nota-se também que o continente africano, ao menos segundo esse estudo da NASA, não deverá apresentar temperaturas de “bulbo úmido” em seu limite até 2070.

a. Uma das alternativas tecnológicas que a ciência atual permite é o uso de produtos químicos direcionados no céu para tentar controlar o clima. Essa alternativa, contudo, vem com riscos, e o primeiro deles é o descontrole das condições e a piora da extremidade de eventos naturais que se quer evitar. Esse foi o desfecho em Dubai, cidade sede da COP 28, onde a “semeadura de nuvem” causou o pior temporal da história.



Sustentabilidade e ESG

02

Brasil e hidrogênio verde, vanguarda?

O Brasil já está posicionado como um dos principais vetores na transição energética global há um tempo. No mundo, fontes renováveis correspondem a 2,7% da matriz energética, enquanto no Brasil essa fatia chega em 15%. Considerando ainda o uso de biomassa e hidrelétricas como renováveis, a fatia na matriz total ficaria em 47,4%. Com o objetivo de manter essa liderança e unir oportunidade com tecnologia, o Brasil também pode ser um grande protagonista no que tem se chamado de “o novo petróleo”: o hidrogênio verde.

O Brasil possui vantagens significativas para a produção de hidrogênio verde, como vastos recursos naturais, especialmente energia solar e eólica, e uma robusta indústria agrícola para fornecer biomassa. Além disso, o país já é líder global na produção de biocombustíveis, o que pode ser aproveitado para a produção de hidrogênio verde.

No contexto das mudanças climáticas globais, o hidrogênio verde desempenha um papel crucial na redução das emissões de gases de efeito estufa. Sua produção utiliza fontes de energia renovável, o que o torna uma opção de baixo carbono. Ao substituir combustíveis fósseis em setores intensivos em carbono, como transporte e indústria, o hidrogênio verde pode contribuir significativamente para a mitigação das mudanças climáticas. Além disso, como o Brasil é signatário do Acordo de Paris e enfrenta desafios climáticos, investir em tecnologias de energia limpa, como o hidrogênio verde, se alinha com seus compromissos internacionais e nacionais de redução de emissões.



Sustentabilidade e ESG

03

Virada energética deve englobar o S de ESG (Ambiental, Social e Governança)

A descarbonização da matriz energética brasileira pode ir muito além dos benefícios ambientais, constituindo um vetor de melhoria da condição social da população e da diminuição da desigualdade, através da parceria público-privada e da análise dos casos de sucesso de outros países. A “virada energética” precisa trazer avanços sociais e robustez nos modelos de governança, e não apenas se limitar ao E de ESG (Ambiental, Social e Governança). O arcabouço jurídico e as políticas públicas precisam ser atualizados e adaptados de modo a garantir que as novas formas de geração de energia tragam novos postos de trabalho que gerem renda e arrecadação, não poluam e não abram portas para corrupção e fraudes.

a. Como é de se esperar, as empresas de capital aberto, que são observadas de maneira mais atenta pelos investidores e pelo público, e que têm deveres de governança mais complexos, possuem mais compromissos climáticos do que as empresas de capital fechado.

Enquanto 70% das empresas de capital aberto possuem compromissos de meta *net zero*, apenas 40% das empresas de capital fechado estabeleceram essa meta, isso a nível mundial, entre as 100 maiores empresas de cada grupo.

b. De acordo com o Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC) da ONU, 46% da população do planeta já está em condição de vulnerabilidade face aos eventos extremos decorrentes das mudanças climáticas. Outro estudo, do Banco Mundial, aponta que os eventos naturais têm potencial para colocar 132 milhões de pessoas na condição de pobreza até 2030.

No Brasil, a mais recente Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD) Contínua de 2023 mapeou que 27,6% dos domicílios brasileiros vivem em situação de insegurança alimentar. O número é cerca de 10% menor do que a última Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF) 2017-2018, quando 36,7% dos domicílios se encontravam nessa situação. O Pará é o estado que mais sofre com insegurança alimentar moderada ou grave: 20,3% dos domicílios vivem diariamente com esta condição.

04

Padrão de Litigância Climática no Brasil

No Brasil, a **litigância climática** tem um perfil diferente e mais específico se comparado aos demais países em que a demanda tem sido proposta, pois volta-se contra o desmatamento, que é uma das maiores fontes emissoras de carbono no país.

Entre 2017 e 2022, o número de casos de litigância climática na justiça brasileira aumentou em 147%. Segundo o Grupo de Pesquisa Direito, Ambiente e Justiça no Antropoceno (Juma), da PUC-Rio, já são 80 ações, sendo que nove delas têm como réu o setor agropecuário, e em 47 os motivadores são as emissões oriundas das mudanças de uso do solo, e que em última análise também envolvem o setor agropecuário, quando há conversão de mata em pasto.



Inteligência Artificial, tecnologia e sustentabilidade: uma relação simbiótica

A união entre sustentabilidade e tecnologia, especificamente a integração de inteligência artificial (IA), banco de dados e automação, está se tornando cada vez mais evidente e crucial para empresas que buscam atingir metas climáticas ambiciosas. As notícias destacam empresas como a Schneider Electric que estão utilizando essas tecnologias para medir, analisar e alcançar suas metas de sustentabilidade de maneira eficaz.

Um dos principais benefícios dessa união é a capacidade de capturar dados com mais precisão e agilidade. Anteriormente, análises de consumo de energia ou água dependiam de métodos manuais, mas agora softwares podem capturar e analisar esses dados de forma mais eficiente. Isso permite que empresas implementem estratégias de redução de emissões de gases de efeito estufa (GEE) em toda a sua cadeia de valor, como o Projeto Carbono Zero, que visa reduzir as emissões operacionais de carbono em seus principais fornecedores. Além disso, a digitalização facilita a construção de bases de dados confiáveis, permitindo que empresas monitorem seu progresso em relação às metas de sustentabilidade de forma transparente.

No entanto, há desafios a serem enfrentados, como a medição e a implementação de processos de digitalização para reduzir as emissões de GEE em toda a cadeia de valor (escopo 3).

Além do setor de energia, a integração de IA e sustentabilidade também está presente na agricultura, onde novas tecnologias estão tornando a produção mais sustentável e reduzindo emissões. Por exemplo, a Embrapa Cerrados demonstrou a possibilidade de reduzir as emissões de metano em até 22% com a aplicação de protocolos sustentáveis. Da mesma forma, o uso de drones na agricultura está se tornando mais comum, proporcionando uma pulverização mais eficiente e reduzindo o uso de produtos químicos.

É evidente que a IA e a sustentabilidade ambiental têm uma relação simbiótica, com a tecnologia desempenhando um papel fundamental na transição para uma economia mais verde e na mitigação dos impactos das mudanças climáticas. No entanto, é crucial garantir que o desenvolvimento e o uso da IA sejam ecologicamente sustentáveis, considerando o consumo de energia dos data centers e investindo em práticas e tecnologias que minimizem seu impacto ambiental. A colaboração entre empresas, governos e sociedade é essencial para garantir que a tecnologia seja utilizada de forma responsável e eficaz na busca por um futuro mais sustentável.



Política de sustentabilidade - Práticas de relato GRI

A *Global Reporting Initiative* (GRI) publicou, no final do mês de março, um importante guia que reforça a importância da divulgação mais eficiente de indicadores de base para o desenvolvimento de uma política de sustentabilidade.

Os guias político-estratégicos se baseiam em informações-chaves para a construção de uma boa narrativa de relato quanto aos aspectos de impacto, referentes a temas: Dupla Materialidade, *Due Diligence* e Diretriz de Relatório de Sustentabilidade Corporativa, do inglês *Corporate Sustainability Reporting Directive* (CSRD). Cada publicação enfatiza a importância dos tópicos e seu papel significativo nas práticas obrigatórias de relato para sustentabilidade, considerando o GRI.

- **Dupla materialidade** – a análise de dupla materialidade avalia os resultados de uma crescente demanda global sob o olhar de como as companhias consideram e reportam seus impactos a partir de suas ações, além de questões sobre como o desenvolvimento da sustentabilidade impacta financeiramente as instituições. Existem duas perceptivas, segundo as quais as organizações devem reportar e com vigor: 1) os impactos da companhia na sociedade e no ambiente, além de suas contribuições em direção ao desenvolvimento sustentável; 2) os relatos de sustentabilidade com indicadores financeiros, por meio de suas implicações econômicas para sustentabilidade.

Essas avaliações possibilitam uma completa observação do risco financeiro que pode afetar as instituições. Dessa forma, o documento de avaliação do GRI destaca que 75% dos investidores acreditam que a avaliação da materialidade deve incluir impactos na empresa, enquanto apenas 6% acreditam que avaliações de materialidade devem ser limitadas a fatores diretos, com impacto financeiro direto na companhia.

Além disso, o documento destaca a importância das práticas políticas relacionadas à dupla materialidade, que deve ser desenvolvida para além do seu conceito. Trata-se de uma proposta direta, que praticamente obriga as companhias a demonstrarem suas ações efetivas de proteção ao meio ambiente e aos direitos humanos.

O documento de avaliação do GRI, por fim, relaciona a aplicação da dupla materialidade no processo de construção de relatos de sustentabilidade, em conjunto com as novas diretrizes trazidas por outros importantes documentos, como o *International Sustainability Standards Board (ISSB)* e o *Global Sustainability Standards Board (GSSB)*. Dessa forma, coordena as capacidades de construir programas e indicadores de controle de atividades de alto nível entre as interfaces de impacto e padrões de relatórios financeiros.



Sustentabilidade e ESG

• **Due Diligence** - a prática de *due diligence* implica nas responsabilidades das companhias de avaliar riscos e oportunidades associados a um potencial investimento. Essa avaliação é feita através de seus impactos, e o documento do GRI destaca a importância de as organizações identificarem, avaliarem, prevenirem, mitigarem e quantificarem seus impactos reais e potenciais, incluindo suas comunicações públicas. A prática de *due diligence* está relacionada diretamente às responsabilidades jurídicas de uma instituição.

O documento reforça que as políticas de *due diligence* devem se estender à cadeia de suprimentos das empresas, aumentando assim a pressão para com os stakeholders, através de leis que não contemplem apenas as operações internas das instituições, mas também toda a cadeia de valor e suas relações de negócio. Considera também que o tema está intimamente relacionado aos direitos humanos, mas as relações que esses direitos têm com o meio ambiente devem ser consideradas em todos os níveis — internacionais, regionais e nacionais.

Com relação às práticas políticas relacionadas ao tema, o guia do GRI destaca que, para garantir que as relações de negócios previnam, mitiguem e quantifiquem os impactos, as instituições devem importar os aspectos de *due diligence* em suas legislações. A criação e o desenvolvimento de novas legislações e regulamentações estão aumentando ao longo do globo, sendo estas operacionalizadas por meio de políticas.

As incorporações que envolvem a prática de reporte do GRI consideram que as regulamentações são vitais para a garantia dos direitos humanos, sendo estas acompanhadas de comunicações públicas junto de suas políticas e implementações para stakeholders, etapas cruciais de *due diligence*. Essas etapas influenciam a jornada de negócios e são significantes para os benefícios da operacionalização e comunicação do tema.

O reporte correto e direto promove o engajamento de stakeholders, uma vez que considera os possíveis impactos que podem ser identificados e monitorados; dessa forma, esse reporte torna-se eficiente para a efetivação de *due diligence* dentro das instituições e nas relações de negócio.

• **Implicações para companhias de fora da União Europeia** – este tópico do guia destina-se basicamente ao endereçamento de obrigatoriedade das organizações de reportarem os impactos de suas atividades comerciais no meio ambiente e na sociedade, bem como o impacto comercial de seus esforços e iniciativas ambientais, sociais e de governança (ESG), com base na legislação *Corporate Sustainability Reporting Directive* (CSRD), da qual 50 mil companhias de países da União Europeia (UE) já fazem parte.

Os aspectos do guia GRI que envolvem o desenvolvimento de políticas para a adoção das implicações solicitadas pela CSRD, que necessitam do suporte de uma política mundial com interesses e aspectos que envolvem o impacto socioambiental das organizações. Essas políticas poderão refletir de maneira positiva nos negócios.



Pegada de carbono

O avanço da crise climática tem forçado as organizações a realizarem um controle de suas emissões de carbono, além da conscientização que é promovida através desta prática. Com isso, o engajamento social e a participação da sociedade também são importantes na hora de considerar e até mesmo observar a quantidade de carbono que emitimos através de nossas ações e movimentações, ainda que esse impacto seja muito menor quando comparado a multinacionais, por exemplo.

Sendo assim, ferramentas online têm sido um importante condutor de incentivo à conscientização ecológica, além de ampliarem o acesso a programas de compensação ambiental. Dados acessíveis — como eletricidade e gás, geração de resíduos, utilização de meios de transporte e até mesmo movimentações financeiras — são instrumentos que podem ser usados para a contabilidade de potenciais poluentes dos hábitos cotidianos, além de contribuir de maneira positiva na consciência ambiental durante o dia a dia.

Existem diferentes dados de entrada quando tratamos das calculadoras de pegadas de carbono: os fatores de consumo (energia, geração de resíduos, por exemplo) são convertidos em quilogramas (Kg) ou toneladas (t) anuais de emissões de gás carbônico equivalente (CO₂eq), sendo este um termo que representa diferentes gases de efeito estufa (GEE) como uma medida única de equivalência ao dióxido de carbono (CO₂). A quantificação individual da pegada de carbono é uma ferramenta importante quando tratamos do impacto climático. Além disso, essa quantificação pode causar um engajamento social, quando consideramos o papel de cada indivíduo dentro da sociedade e como ele pode ser um agente causador de mudança em um contexto de grande escala e longo prazo, de acordo com a pesquisadora Monica Carvalho, da Universidade Federal da Paraíba.

O incentivo do cálculo de pegada de carbono chega como um estímulo à participação mais ativa de indivíduos e empresas em prol de soluções sustentáveis, possibilitando a comparação entre diferentes meios de transporte, tornando a escolha mais responsável com a crise climática e trazendo de certa forma uma responsabilidade social, podendo assim reduzir o que é possível, quando tratamos da sobrevida do carbono da atmosfera.



Sustentabilidade e ESG

08

Tecnologia no transporte marítimo

De acordo com a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), 2,9% das emissões globais de carbono CO₂ correspondem ao transporte de carga marítimo e a logística incluída. Com isso, novas tecnologias tentam reduzir a pegada de carbono no transporte marítimo.

Estima-se que 90% das mercadorias circulam no mundo através do transporte marítimo, sendo que 99% da frota de navios é abastecida por combustíveis fósseis, de acordo com a Agência Internacional de Energia (IEA). Com isso, os processos de desenvolvimento e inovação para a redução da pegada de carbono têm forçado uma movimentação das empresas para se adaptarem e pensarem estratégias de mitigação e redução dos impactos na cadeia do carbono através da produção de combustíveis fósseis.

Na União Europeia, o desenvolvimento de leis fiscais torna-se um estímulo para a adoção de alternativas que envolvam o abastecimento por combustíveis verdes. Um exemplo é o metanol verde (CH₃OH), biocombustível que tem como origem fontes de energia limpa, sendo uma boa alternativa que poderá gerar impacto positivo na redução da pegada de carbono, principalmente em aspectos relacionados às emissões no transporte *upstream*. Assim, incentiva o uso de dois motores diferentes — um movido a combustível profissional e outro a metanol verde —, que, quando utilizados juntos, podem apresentar uma redução de 100 toneladas de dióxido de carbono (CO₂) por dia.

09

Revisão ISE e mudanças de indicadores da B3

Uma consulta pública realizada pela B3 marca o aprofundamento de revisão do Índice de Sustentabilidade Empresarial (ISE). A consulta se estenderá até 2025. Esse processo de revisão tem como objetivo manter os indicadores do questionário atualizados sobre iniciativas mais atuais de avaliação ESG do mercado.

Novos parâmetros serão incorporados aos processos da revisão, a exemplo da nova resolução 193 da Comissão de Valores Imobiliários (CVM), que incorporará aspectos de novos padrões internacionais determinados pelo *International Sustainability Standards Board* (ISSB), contemplados nos cadernos de risco e oportunidade financeira (*International Financial Reporting Standards* - IFRS S1) e mudanças climáticas (IFRS S2). Esses aspectos de referência reforçam o importante papel do ISE e a sua relevância para a América Latina, principalmente para os investidores que consideram os critérios ESG em sua tomada de decisão.



Sustentabilidade e ESG

10

Pacto Global e mapeamento de ações de diversidade e inclusão

O universo corporativo ainda está longe de representar a realidade da grande parcela da população brasileira quando o assunto é diversidade racial. Pensando nisso, o Pacto Global e o Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades (CEERT) se uniram para mapear as iniciativas nas áreas de Diversidade, Equidade e Inclusão do meio corporativo, através de uma pesquisa para compreender como as empresas estão se movimentando para favorecer aspectos que envolvem heterogeneidade no quadro de funcionários.

A pesquisa também considera as metas das empresas para reduzir as desigualdades salariais, além de avaliar as condições de trabalho e buscar estratégias para promover uma maior representatividade de grupos minorizados em cargos de liderança.



Riscos

01

Risco de centralização da produção de chips em Taiwan

O terremoto em Taiwan elevou os riscos para a cadeia global com as incertezas a respeito do nível de impacto sobre o fornecimento de chips, uma vez que Taiwan é o maior e exclusivo centro produtor deste componente da era da informação.

02

Brasil se destaca como um dos principais “players” nos mercados emergentes

Segundo o relatório “*World Economic Outlook*”, do Fundo Monetário Internacional (FMI), o Brasil tem a maior participação — entre os países emergentes no G20 global — na exportação de *commodities* agrícolas e minerais. Isso se dá não somente pelo seu histórico no setor primário, mas também pela pressão inflacionária que está acontecendo com as *commodities* globalmente.

Enquanto o Brasil se destaca em sua produção de *commodities*, a China domina outros mercados emergentes, especialmente na Ásia, devido à sua integração comercial intrarregional. Isso sugere que o Brasil enfrenta desafios diferentes em sua busca por uma maior participação no comércio global, necessitando de estratégias específicas para ampliar sua presença em diferentes regiões.

Embora o relatório destaque o crescimento da integração financeira dos países emergentes do G20, especialmente por meio de fluxos bancários, é crucial reconhecer que essa dinâmica não é homogênea entre os países. Enquanto os empréstimos bancários para mercados emergentes dobraram desde os anos 2000 — impulsionados principalmente pela China, seguida pelo Brasil e pela Índia —, essa integração financeira pode ser mais desafiadora para alguns países do que para outros. O Brasil, por exemplo, pode enfrentar obstáculos adicionais devido à sua infraestrutura financeira menos desenvolvida em comparação a outros membros do G5. Assim, é fundamental que o país fortaleça suas instituições financeiras e adote políticas que promovam um ambiente favorável aos investimentos estrangeiros e ao comércio internacional.



Riscos

03

Dados de inflação e PIB desafiam Fed e investidores

Os dados de crescimento e inflação do primeiro trimestre de 2024 dos Estados Unidos pressionam por novas análises e teses sobre os rumos dos juros, do dólar e dos condicionantes de crescimento da economia mundial. Enquanto o crescimento do PIB norte-americano foi de 1,6%, a taxa de inflação foi de 3,4%. O último corte da taxa de juros do Sistema de Reserva Federal dos Estados Unidos (Fed) foi em março de 2020, quando estourou a pandemia da Covid-19.

04

Nova máxima histórica do ouro

Em abril de 2024, a ameaça de escalada do conflito entre Israel e Irã teve reflexos na alta do dólar, bem como na alta dos juros e da cotação do ouro. Para esse último, o contrato mais líquido do ouro fechou leve em alta no dia 12 de abril, renovando sua máxima histórica, em um cenário de tensões geopolíticas que indica aversão ao risco e impulsiona a busca por segurança entre os investidores. No Brasil, em um contexto de incerteza global, a autoridade monetária brasileira poderia mudar seu cenário-base de redução gradual da taxa básica de juros.



Riscos

05

Estados Unidos pode boicotar China

A China pode ser, em algum nível, considerada aliada da Rússia na guerra com a Ucrânia; pelo menos no sentido econômico, visto que a Rússia compra da China aço e outros componentes relevantes para sua indústria bélica e, do outro lado, a China consome o petróleo russo.

Já no Ocidente, temos os Estados Unidos financiando de forma mais direta a Ucrânia, com armamentos e até investimento direto. Entre suas estratégias está o boicote, que foi feito com diversas empresas russas. Agora, os Estados Unidos pretendem cortar o acesso da China aos bancos de dólar, que predomina nas principais transações globais, para impedir que a China continue o seu fluxo comercial com a Rússia. Essa iniciativa pode ser tomada caso Pequim, capital chinesa, não contenha suas exportações.

As autoridades norte-americanas estão intensificando a pressão e alertando sobre as possíveis consequências. Lembramos ainda que a China está enfrentando alguns problemas econômicos, principalmente nos setores imobiliário e de crédito, o que pode significar que a sua resposta será mais passiva ou até mesmo uma retaliação mais branda diante das ameaças estadunidenses.

Os impactos dessa ação podem afetar principalmente o setor de aço, minério de ferro, petróleo e a cadeia logística global.



Riscos

06

Novo paradigma triangular entre EUA, Rússia e China?

A última vez em que houve uma mudança de paradigma triangular entre EUA, Rússia (e EX-URSS) e China, no final da década de 1960 — mais especificamente em 1969, no contexto do conflito armado entre China e URSS pelas fronteiras na região das ilhas Zhenbao, bem como no contexto de divergências quanto à ideologia socialista entre o ex-presidente chinês Mao Tsé-Tung e o antigo líder soviético Nikkita Kruschev, que implementou a diretriz da “coexistência pacífica” com os países capitalistas, e no contexto do governo do ex-presidente estadunidense Richard Nixon —, o resultado foi tão estratégico que, segundo algumas linhas de análise, teria sido determinante, inclusive, para a queda da União Soviética.

A partir de 1969, a URSS passou a ser cada vez mais considerada uma ameaça estratégica para a China. Assim, aproveitando-se desse distanciamento sino-soviético, os EUA atualizaram a Lei de Controle de Exportações de 1949, que proibia negócios entre empresas nacionais e residentes nos Estados Unidos com países comunistas, exceto em casos autorizados pelo governo americano. A atualização da lei passou a permitir negócios para produtos que não fossem potencialmente usados na cadeia militar, o que resultou no aumento do fluxo comercial entre China e EUA, bem como outros países capitalistas, o que, por sua vez, resultou na necessidade de empréstimos e transações com dólar por parte da China.¹

Em 1971, foram feitas outras flexibilizações de comércio, não somente com a China, mas também com a URSS. O uso do dólar como moeda passou a ser ainda mais generalizado no sistema após essas flexibilizações; entretanto, e como resultado dessa generalização, com a crescente desvalorização do dólar, no mesmo ano, o então presidente Nixon anunciou o rompimento com o compromisso de conversibilidade entre o ouro e o dólar. Somando-se este fato ao desenvolvimento posterior do processo de reciclagem dos petrodólares após o primeiro choque do petróleo em 1973 (após a eclosão da Guerra do Yon Kippur), o dólar preservou sua centralidade no sistema monetário e financeiro internacional

Nesse momento, contudo, a China e a URSS permaneciam estrategicamente distantes, enquanto os EUA traziam ambos para a sua esfera de influência monetária e comercial. Mudanças substanciais no padrão de comércio começaram a se desenvolver: enquanto China e URSS tiveram uma redução na participação respectiva de comércio, a participação dos EUA, Japão e Europa Ocidental aumentou em ambos.²

Se, em 1952, a URSS era o destino de 47,4% das exportações chinesas, em 1970, era de apenas 1%. Se, em 1959, 46,4% das importações tinham como origem a URSS, em 1970, era 1%. A mudança deste padrão culminou no fato de que, hoje, o maior déficit comercial dos EUA é com a China. Contudo, o seu montante vem sistematicamente se reduzindo desde 2018, enquanto o déficit com o México, Japão, Taiwan, Índia e União Europeia vem aumentando desde 2018.

¹ Conferir Metri, M.(2017). A DIPLOMACIA MONETÁRIA DOS ESTADOS UNIDOS NOS ANOS SETENTA. Revista Tempo Do Mundo, 3(1), 155-179.

Disponível em: <https://ipea.gov.br/revistas/index.php/rtm/article/view/34>

² Idem.



Riscos

Isso significa que os Estados Unidos vêm sistematicamente reduzindo suas importações oriundas da China e aumentando as importações provenientes desses outros países. Nota-se que, em 2018, a China era a origem de 19% das importações norte-americanas; em 2023, apenas 12%. Inclusive em termos absolutos houve redução, sendo que as importações provenientes da China caíram de um volume total de U\$ 558 bilhões, em 2018, para U\$ 448 bilhões em 2023. O México foi origem de 15% das importações dos EUA em 2023, superando a China depois de uma década.

- a. Em 2022, os Estados Unidos corresponderam a 6,6% das importações chinesas de mercadorias e foram destino de 16,2% das exportações. No mesmo ano, a China foi origem de 24,8% das mercadorias importadas pela Rússia e destino de 14% das exportações russas. Por causa das sanções aplicadas à Rússia, ao longo de 2023 houve um aumento exponencial da China como importadora do petróleo russo, além de provedora de outras mercadorias importantes.
- b. A questão fundamental que se levanta é: estamos começando a vivenciar uma alteração de padrão comercial e diplomático similar a que ocorreu em 1969 e no decorrer da década de 1970, mas, nesse caso, com uma aproximação estratégica entre China e Rússia? Existem condições que indiquem a continuidade dessa tendência? Em paralelo, como as empresas multinacionais estão respondendo a esse novo contexto geopolítico, diplomático e comercial?
- c. Uma primeira impressão parece clara: novas oportunidades de investimento e acordos comerciais tendem a surgir para a América Latina, já que tem proximidade geográfica com os Estados Unidos e uma condição geopolítica mais favorável. Ademais, poderá ser aprovada no Congresso americano a “Lei das Américas”, que prevê a expansão dos acordos comerciais existentes com os países latino-americanos, com o objetivo de transferir para a região parte da produção do que hoje é produzido na China. Sendo uma lei “bicameral” e “bipartidária”, segundo o ex-senador estadunidense Chris Dodd, há chances reais de ela ser aprovada.
- d. Além disso, outra tendência que parece clara é a montagem de arranjos comerciais e financeiros alternativos ao dólar por parte dos BRICS e BRICS+.



Riscos

07

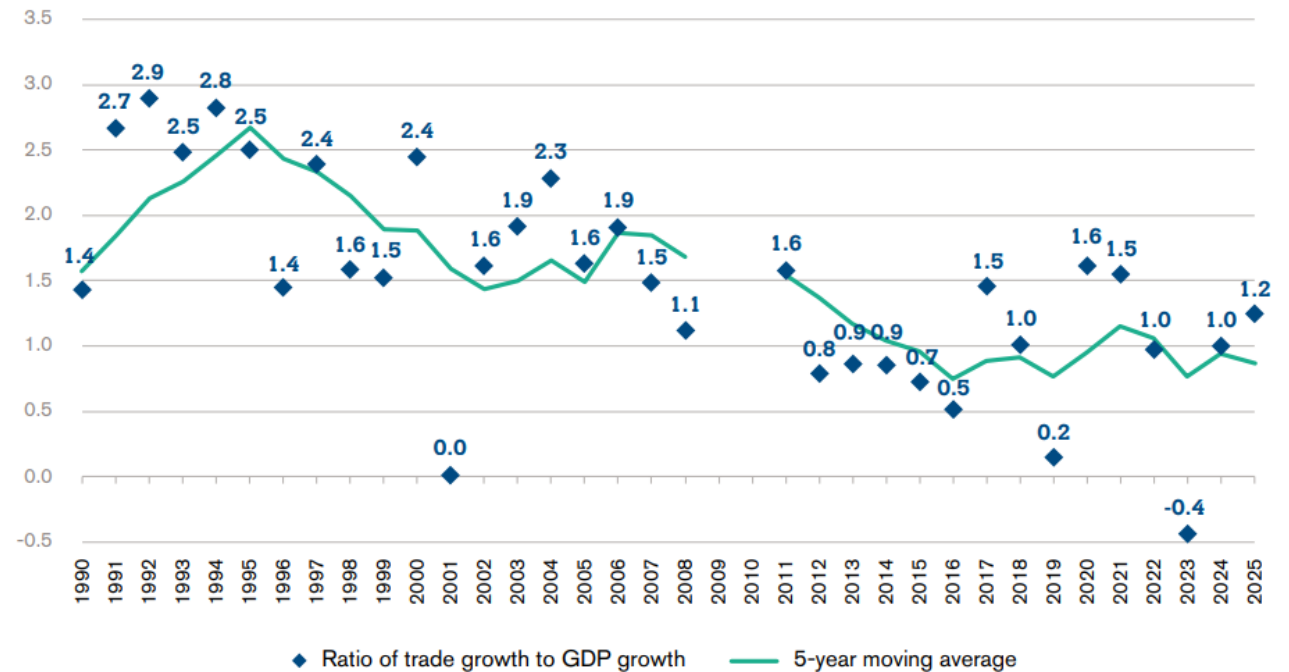
Arrefecimento da internacionalização?

A razão entre o crescimento do comércio internacional e do PIB mundial vem caindo desde 1995. As médias móveis de cinco anos apresentam uma tendência de redução prolongada. Se ao longo da década de 1990 o comércio internacional cresceu a uma velocidade duas a três vezes maior do que a velocidade do PIB mundial — o que sugere uma maior internacionalização de mercadorias e serviços —, desde 2011, cresce menos, igual, ou ligeiramente acima da velocidade de crescimento da economia mundial, sugerindo que esteve e está em processo um arrefecimento da internacionalização de mercadorias e serviços.

a. O relatório da Organização Mundial de Comércio (OMC) também aponta que os quatro principais riscos à retomada do crescimento do comércio internacional são o aumento dos preços de alimentos e combustíveis em decorrência das tensões geopolíticas; o *timing* de redução das taxas de juros pelos bancos centrais dos países desenvolvidos, já que quaisquer reduções fora do *timing* correto poderiam gerar instabilidade nos mercados e na economia; e as ameaças à transição logístico-naval no Canal do Panamá e no Canal de Suez, o primeiro limitado pela seca do rio e o segundo limitado pelos ataques dos Houthis.

Chart 11: Relationship between merchandise trade growth and GDP growth

Ratio in real terms



Note: GDP is weighted at market exchange rates.

Source: WTO for trade, consensus estimates for GDP.

Fonte: Global Trade Outlook and Statistics, abril 2024.

Fontes de Informação e Referências desta Edição

Sustentabilidade e ESG

<https://oglobo.globo.com/blogs/miriam-leitao/post/2024/04/pacto-global-da-onu-e-ceert-se-unem-para-mapear-acoes-de-diversidade-e-inclusao-nas-empresas.ghtml>

<https://pesquisa.diversidade.org.br/>

Mundo perde 9% das florestas tropicais; Brasil reduz desmatamento | Mundo | Valor Econômico (globo.com)

Como é a Caixa Preta da Terra, o aparelho que registrará o fim da humanidade devido às mudanças climáticas (tempo.com)

Segundo a NASA, algumas regiões do mundo serão inabitáveis até 2050. Quais são elas? (tempo.com)

Europa esquenta mais rápido que o mundo - e recordes alarmam - DW - 22/04/2024

4 gráficos para entender as emissões de gases de efeito estufa por país e por setor | WRI Brasil

Too Hot to Handle: How Climate Change May Make Some Places Too Hot to Live - NASA Science

Alagamentos em Dubai: 'Semeadura de nuvens' pode ser causa da pior chuva na história da cidade, diz agência | Mundo | G1 (globo.com)

Brasil larga atrasado em corrida por hidrogênio verde, mas ainda pode chegar na frente (Estadão)

O Brasil vai conseguir ser protagonista global em economia verde? (Estadão)

<https://valor.globo.com/brasil/rumos-2024/noticia/2024/04/16/virada-energetica-envolve-uniao-entre-publico-e-privado.ghtml>

40% das empresas de capital fechado assumem compromissos climáticos versus 70% das de capital aberto | Exame

Um em cada quatro domicílios não teve comida suficiente ou adequada na mesa em 2023, aponta IBGE | Saúde | G1 (globo.com)

<https://www.estadao.com.br/economia/litigancia-climatica-contra-desmatadores-ganha-forca/>

<https://valor.globo.com/empresas/esg/noticia/2024/04/17/ia-e-digitalizacao-auxiliam-as-empresas-em-metas-climaticas.ghtml>

<https://forbes.com.br/forbes-tech/2024/04/ia-e-sustentabilidade-ambiental-tem-muito-mais-afinidades-do-que-contradicoes/>

<https://valor.globo.com/publicacoes/especiais/mudancas-climaticas/noticia/2024/04/22/campo-tem-desafio-de-disseminar-tecnologias-contramudancas-climaticas.ghtml>

<https://www.globalreporting.org/media/rz1jf4bz/gri-double-materiality-final.pdf>

https://www.globalreporting.org/news/news-center/shaping-the-future-of-sustainability-policy/?trk=feed_main-feed-card_feed-article-content

<https://www.globalreporting.org/media/rcqpsy01/gri-due-diligence-guide-final.pdf>

<https://www.globalreporting.org/media/3fxpjvfp/gri-reporting-outside-eu-final.pdf>

https://revistapesquisa.fapesp.br/wp-content/uploads/2024/02/070-073_calculadora-de-carbono_336.pdf

<https://umsoplaneta.globo.com/energia/noticia/2024/04/05/novas-tecnologias-tentam-reduzir-a-pegada-de-carbono-do-transporte-maritimo.ghtml>

https://valorinveste.globo.com/mercados/renda-variavel/bolsas-e-indices/noticia/2024/04/08/ise-indice-da-b3-passa-por-revisao-para-atender-a-novos-padroes-de-sustentabilidade.ghtml?utm_source=linkedin&utm_medium=social&utm_campaign=post

Riscos

<https://valor.globo.com/mundo/noticia/2024/04/23/eua-miram-em-bancos-chineses-que-ajudam-a-russia-na-guerra.ghtml>

<https://valor.globo.com/mundo/noticia/2024/04/22/china-se-prepara-para-o-pior-enquanto-se-torna-saco-de-pancadas-na-eleicao-dos-eua.ghtml>

[EU criminalizes sanctions busting by member states – RT Business News](#)

[G7 se prepara para agir contra importações chinesas subsidiadas, sinaliza Leyen | Mundo | Valor Econômico \(globo.com\)](#)

[Xi Jinping ordena a maior reorganização militar da China desde 2015 | Mundo | Valor Econômico \(globo.com\)](#)

[Blinken chega a China com missão de conter ajuda militar de Pequim aos russos | Mundo | Valor Econômico \(globo.com\)](#)

[Empresas dos EUA estão mais cautelosas sobre investir na China, diz relatório da AmCham | Mundo | Valor Econômico \(globo.com\)](#)

[Senado dos EUA aprova US\\$ 95 bilhões em ajuda para Ucrânia, Israel e Taiwan | Mundo | Valor Econômico \(globo.com\)](#)

[Governo Biden defende projeto para conter China | Mundo | Valor Econômico \(globo.com\)](#)

[Yellen chega hoje à China para alertar Pequim sobre excesso de capacidade industrial | Mundo | Valor Econômico \(globo.com\)](#)

[Após décadas, guerra volta a ser uma ameaça global | Humberto Saccomandi | Valor Econômico \(globo.com\)](#)

[jamilly,+2_revista_ziyue-SANTANA_DOS_SANTOS_ISABELLA_GUERRA_SINO_SOVIETICA-p.14-23.pdf](#)

[*TdM_v3_n1_Diplomacia.pdf \(ipea.gov.br\)](#)

[FT: terremoto em Taiwan é alerta sobre riscos sísmicos para o fornecimento global de chips | Mundo | Valor Econômico \(globo.com\)](#)

<https://valor.globo.com/mundo/noticia/2024/04/09/brasil-ajuda-a-ampliar-papel-de-emergentes-no-comrcio-global-segundo-fmi.ghtml>

[Economia dos EUA desacelera e inflação dispara, reduzindo apostas em 'pouso suave' \(bloomberglinea.com.br\)](#)

<https://valor.globo.com/financas/noticia/2024/04/17/mercado-ficou-mais-preocupado-com-o-fiscal-diz-presidente-do-bc.ghtml>

<https://www.infomoney.com.br/mercados/dolar-hoje-abertura-fechamento-comercial-turismo-18042024/>

<https://br.investing.com/news/commodities-news/ouro-fecha-em-leve-alta-e-renova-maxima-em-semana-de-ganhos-com-tensao-geopolitica-1231782>

Responsáveis pelo Conteúdo desta edição:

Pesquisadora Líder da Research+:

Ísis Campos Camarinha, PhD. em Economia Política Internacional e Analista de Research da Ambipar ESG

Colaboraram nesta edição:

Ana Claudia Lazzari Rodrigues de Castro (Especialista em ESG e Consultora da Ambipar ESG)

Guilherme Santiago (Analista de Research da Ambipar ESG)

Quenia Nascimento Lyrio (Mestre em Ecologia e Consultora da Ambipar ESG)

Revisão realizada pelo time de Comunicação da Ambipar ESG:

Gabriela Favacho e Stella Maya

Diagramação:

Luísa Lima

